

FAMÍLIA E ECOLOGIA HUMANA

IX Congresso Nacional da Pastoral Familiar – Belo Horizonte

+ João Carlos Petrini, Bispo de Camaçari e
Presidente da Comissão Episcopal
Pastoral para a Vida e a Família

Introdução

O Papa Bento XVI falou repetidas vezes de Ecologia Humana nos últimos tempos. Na saudação que ele fez por ocasião da abertura da Campanha da Fraternidade deste ano, ele disse que “*a primeira ecologia a ser defendida é a ecologia humana*”. Lembrando o lema: “*a criação geme em dores de parto*” (Rm 8, 22) ele diz: “*podemos incluir entre os motivos de tais gemidos o dano provocado na criação pelo egoísmo humano*”.

As biotecnologias favorecem a difusão de uma mentalidade que considera a vida humana como um material biológico sobre o qual se pode intervir sem outros limites que o estágio do conhecimento científico e a disponibilidade de instrumentos adequados. Mas o contexto de vida (o meio ambiente) que disso resulta não é sempre favorável à convivência civilizada e ao crescimento equilibrado e sadio das novas gerações. Por isso, multiplicam-se os sinais que indicam a urgência de uma ecologia humana, como indicou profeticamente o bem-aventurado João Paulo II nos números 38 e 39 da *Centesimus Annus*, publicada em 1991.¹ O bem-aventurado Papa afirmava:

Além da destruição irracional do ambiente natural, é de recordar aqui outra ainda mais grave, qual é a do ambiente humano, a que se está ainda longe de prestar a necessária atenção. Enquanto justamente nos preocupamos (...) em preservar o ‘habitat’ natural das diversas espécies animais ameaçadas de extinção (...) empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica ‘ecologia humana’. Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária de bem, segundo a qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral de que foi dotado (CA 38).

E no número 39, o Bem-aventurado João Paulo II continua:

A primeira e fundamental estrutura a favor da ‘ecologia humana’ é a família, no seio da qual o homem recebe as primeiras e determinantes noções acerca da verdade e do bem, aprende o que significa amar e ser amado e, conseqüentemente, o que quer dizer, em concreto, ser uma pessoa. Pensa-se aqui na família fundada sobre o matrimônio, onde a doação recíproca de si mesmo, por parte do homem e da mulher, cria um ambiente vital onde a criança pode nascer e desenvolver suas

¹ JOÃO PAULO II. *Centesimus annus*. São Paulo: Paulinas, 6ª edição, 2004, p. 72.

potencialidades, tornar-se consciente de sua dignidade e preparar-se para enfrentar o seu único e irrepetível destino.

O Papa Bento XVI, na mensagem acima recordada, dá o critério fundamental:

O primeiro passo para uma reta relação com o mundo que nos circunda é justamente o reconhecimento, da parte do homem, da sua condição de criatura: o homem não é Deus, mas Sua imagem; por isso, ele deve procurar tornar-se mais sensível à presença de Deus naquilo que está ao seu redor: em todas as criaturas e, especialmente na pessoa humana há uma certa epifania de Deus.

Vale a pena reproduzir um trecho da Encíclica *Caritas in Veritate* que explicita ainda mais este ponto:

*A Igreja sente o seu peso de responsabilidade pela criação e deve fazer valer esta responsabilidade também em público. Ao fazê-lo, não tem apenas de defender a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos, mas deve sobretudo **proteger o homem da destruição de si mesmo**. Requer-se uma espécie de ecologia do homem, entendida no justo sentido. (...)*

Para preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações econômicas, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas *o problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral*. Se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se torna artificial a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental. É uma contradição pedir às novas gerações o respeito do ambiente natural, quando a educação e as leis não as ajudam a respeitar a si mesmas. O livro da natureza é uno e indivisível, tanto na vertente do ambiente como na vertente da vida, da sexualidade, do matrimônio, da família, das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral (CV 51).

Encontramo-nos diante de uma mutação antropológica ou, como diz o Documento de Aparecida, uma mudança de época,² que se refere não a algum ponto da moral cristã,³ mas a uma visão global de homem e de mulher, alternativa à que durante mais de dois mil anos presidiu ao desenvolvimento da nossa civilização. O debate cultural no qual a Igreja é chamada a dar as razões de sua esperança é a respeito do **humanum**.

A família emerge na cultura atual como o terreno preferido por muitos para a luta entre tradição e modernidade.

² “*Vivemos uma mudança de época, e o seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, a sua relação com o mundo e com Deus*” (DA, 44)

³ Nos anos 70, por exemplo, se discutia a respeito do divórcio e da pílula, mas se aceitava a arquitetura cristã segundo a qual o caminho de um homem, de uma mulher para realizar-se era o matrimônio e a família, a procriação de filhos e a dedicação à sua educação.

É decisivo, então, um novo começo, como sugere Bento XVI na *Spe Salvi* (n. 24),⁴ que parta do desígnio de Deus sobre a pessoa, o matrimônio e a família, que apresente às novas gerações as razões, os significados, a conveniência do matrimônio e da família, a beleza de gerar e educar novas vidas, o fascínio pelo amor humano que, iluminado por Cristo, se renova e se aprofunda com o passar do tempo. Um novo começo é necessário porque significados, razões e beleza, às vezes considerados claros para todos, na realidade são desconhecidos pela cultura contemporânea ou gravemente deformados.

“*A cada um nos toca recomeçar de Jesus Cristo*” repetiu insistentemente o Documento de Aparecida e, agora, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB, retomando uma feliz expressão do Bem-aventurado João Paulo II em *Novo Millennio Ineunte*.⁵

É importante acompanhar as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2012-2015 para recuperar o ímpeto missionário que caracterizou a Igreja das origens em sintonia com toda a Igreja no Brasil.

Vamos compreender melhor estas questões aprofundando três pontos: 1. O problema da ecologia humana, com relação à família; 2. O desígnio de Deus sobre pessoa, matrimônio e família, como caminho que mais corresponde ao bem do ser humano, que mais respeita sua natureza; 3. Os passos que a Pastoral Familiar pode dar para responder a esses desafios.

1. Ecologia Natural e Ecologia Humana

Ecologia é uma palavra que tem origem de duas palavras gregas, “*oikos*” que significa **casa** (de onde vem economia, a ordem na casa) e “*logos*” que significa **estudo**, razão. Por isso, ecologia é o estudo que se preocupa de garantir a casa para o ser humano, a morada que acolhe, o lugar do encontro das pessoas, onde é possível viver e construir a convivência na paz.

Para o equilíbrio da natureza é importante o **meio ambiente**, quer dizer, o contexto de vida: de uma árvore, de uma espécie animal que pode ser ameaçada de extinção, de uma tribo indígena, do adolescente em nossas cidades. “*O meio ambiente é o conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais capazes de causar efeitos diretos ou indiretos, em um prazo curto ou longo, sobre os seres vivos e as atividades humanas*”.⁶ A Ecologia interessou-se, principalmente da destruição e das condições para garantir o equilíbrio da natureza física e animal, mas nestes últimos tempos algumas mentes mais lúcidas estão mostrando preocupação com o futuro do ser humano e da convivência na sociedade.⁷

No tempo presente, sempre mais homens e mulheres consideram possível plasmar autonomamente a sua existência e, de modo especial, o corpo, a definição da

⁴ BENTO XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*, 24.

⁵ JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*. 28-29. Cfr. DA 12; 41;

⁶ A definição é da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente celebrada em *Estocolmo*, em 1972.

⁷ HABERMAS, Jurgen. *Il futuro della natura umana*. Torino: Einaudi, 2002.

JONAS, Hans. *Il principio responsabilità*. Un’etica per la civiltà tecnologica. Torino: Einaudi, 2009.

JONAS, Hans. *O principio vida*. Fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 200.

identidade sexual e, portanto, a abertura ou menos à possibilidade de gerar filhos, os tempos e os modos da maternidade.

As escolhas são determinadas por preferências subjetivas, perseguindo o sonho de um próprio poder sobre a vida e sobre a morte, numa espécie de auto-geração que prescinde de qualquer ponto de referência objetivo, ignorando a natureza humana como dada e o desígnio do Criador. Trata-se de uma mentalidade hoje difusa, que foi expressa por Marx num texto de 1844: *“Um ser se considera independente somente quando é dono de si, e é dono de si somente quando é devedor a si mesmo da própria existência. Um homem que vive da graça alheia considera-se como um ser dependente.”*⁸

Mais adiante Marx conclui: *“toda a assim chamada história do mundo nada mais é se não a geração do homem por meio do trabalho humano, nada mais que o porvir da natureza do homem, **ele tem a prova evidente, irresistível, do seu nascimento através de si mesmo, do processo de sua origem”**.*

O desastre ecológico é um dos resultados da *“razão instrumental”*⁹ que não exitou a poluir, envenenar, destruir, dizimar, para obter lucros ingentes e rápidos, sem preocupar-se com o que as gerações seguintes iriam encontrar. Foram necessários mais de duzentos anos antes que fosse reconhecida a necessidade de pôr limites ao poder das tecnologias e à sede de lucro, avaliando o impacto ambiental de ações dirigidas ao desenvolvimento. Antes que se difundisse a sensibilidade ecológica, prevaleciam atitudes predatórias que provocaram grande destruição. Ainda que sejam escassas as medidas de prevenção e de correção, a sensibilidade ecológica difundiu-se no mundo e talvez conseguirá restabelecer o necessário equilíbrio.

Podem ser reconhecidas grandes semelhanças entre o tratamento reservado aos bosques e aos rios quando os interesses econômicos prevaleciam sobre outras considerações e a atual manipulação do corpo humano. O poder científico torna-se, assim, o único critério determinante para orientar a ação¹⁰ quando se considera justo e oportuno realizar tudo o que é tecnicamente possível. O operar técnico sobre o corpo humano coloca em discussão significados que vão muito além dos campos técnicos envolvidos, aliás, ocupa lugar central no modo de conceber a existência humana.

Esta atitude recorda o processo de industrialização, quando a possibilidade de obter grandes lucros, cortando árvores e poluindo a água dos rios e a atmosfera, encontrava limites exclusivamente na capacidade técnica e na disponibilidade de

⁸ MARX, Karl. *Manoscritti Economici-filosofici del '44*. Trad. de N. Bobbio, Torino: Einaudi, 1968, p. 122-125. O texto continua: “Mas eu vivo completamente da graça alheia quando sou devedor para com o outro, não somente do sustento de minha vida, mas também quando este, além disso, criou a minha vida, é a fonte da minha vida; e a minha vida tem necessariamente um tal fundamento fora de si, quando não é a minha própria criação”.

⁹ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor, 1976. HORKHEIMER & ADORNO. *Dialettica dell'Illuminismo*. 2ª ed. Torino: Einaudi, 1976. Razão instrumental indica a razão de matriz iluminista e positivista que deixa de buscar a verdade e o bem do ser humano e passa a ser instrumento do poder (econômico, mediático, ideológico, militar, político, etc.). Na medida em que a razão se torna instrumental, a ciência vai deixando de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação, de poder e de exploração, sendo sustentada pela ideologia científicista.

¹⁰ MORANDÉ, Pedro. Família e sociedade contemporânea. In: PETRINI & CAVALCANTI ORGS. *Família, Sociedade e Subjetividade*. Petrópolis, 2005.

capital a ser investido. A atmosfera, as águas, as diversas espécies animais e as florestas pareciam bens a disposição ou realidades sem valor. Pelo contrário, tratava-se de bens que foram dilapidados com conseqüências alarmantes.

Todavia, pouco a pouco, torna-se evidente que há limites também à manipulação da vida humana. O declínio demográfico, especialmente na Europa, a difusão epidémica da depressão e o aumento vertiginoso da violência, especialmente entre os jovens, o envelhecimento da população e a conseqüente dificuldade dos governos para pagar os benefícios previdenciários e a exaltação da eutanásia para reduzir a despesa pública, são alguns sinais que indicam a necessidade urgente de uma ecologia humana.

Por causa dos problemas que começam a aparecer, as esperanças de “salvação” por meio da ciência e da tecnologia começa, a ser consideradas “*fabulações destituídas de fundamento*”.¹¹ Isto, de um lado origina um vazio que abre caminho a todas as drogas que prometem viagens longe dessa realidade sem beleza que fascine, sem significado que motive, sem ideais que com-movam, ou perigosas aventuras produtoras de adrenalina, mas abrem também caminhos para uma nova presença de Jesus Cristo e da sua Igreja.

2. Família e Ecologia Humana

O primeiro passo para pensar uma ecologia humana é retornar ao desígnio de Deus sobre a pessoa, o matrimônio e a família. O Venerável João Paulo II fala de uma antropologia adequada, isto é, de um modo de compreender o ser humano que não o reduz a objeto e é capaz de proporcionar um ambiente de vida em comunhão, especialmente na família, que mais corresponde à sua natureza e às exigências mais profundas de seu coração.

O ser humano (homem e mulher) realiza-se no amor. A pessoa humana recebe a vida como dom e é chamada a fazer dom de si mesmo. O Concílio Vaticano II (GS 24) afirma: “*O homem o qual sobre a terra é o único que Deus quis por si mesmo, só pode se encontrar plenamente no **dom sincero de si***”.¹² A sexualidade revela que a pessoa não vive para a solidão, mas para o encontro e para o dom recíproco de si.

A comunhão trinitária está na origem deste caminho que tem como dinâmica o dom de si ao outro.¹³ O casal cristão, unido na fé, participa do evento eterno do Amor que se faz carne e que se doa eucaristicamente à humanidade decaída.

No sacramento do matrimônio o casal vive imerso na fonte que é o coração trespassado de Cristo e participa do seu dom sponsal para a Igreja, abrindo assim a nascente deste do amor no coração do amor conjugal. O amor do casal é, portanto, assumido no amor de Cristo e da Igreja. Dessa maneira, a graça matrimonial fecunda desde dentro, mediante a efusão do Espírito Santo, as relações familiares de sponsalidade, paternidade, maternidade, filiação, fraternidade (FC 15).

¹¹ LYOTARD, Jean François. *The postmodern condition: a report on the knowledge*. Mineapolis: University of Minnesota Press, 1984, p. 99-100.

¹² É evidente o **contraponto** com a mentalidade segundo a qual a dignidade e a grandeza humana são afirmadas derrotando o adversário (como o gladiador), ou que a esperteza consiste em destruir outros para alimentar-se de seu sangue (o vampiro) ou de seu cérebro (o predador).

¹³ OUELLET, Marc. *Divina Somiglianza*. Antropologia trinitaria della famiglia. Roma: Lateran University Press. 2004. Dello stesso Autore, *Mistero e sacramento dell'amore*. Siena: Cantagalli, 2007.

O desígnio de Deus a respeito da pessoa, do matrimônio e da família realiza-se através do entrelaçamento de amor, sexualidade e procriação que constitui o fundamento do matrimônio e da família. Nesse sentido, o amor, isto é, o dom de si para o bem do outro, encontra a sua plenitude humana na intimidade sexual e está aberto para a procriação.

3. Fatores que contribuem para desequilíbrios da ecologia humana

O entrelaçamento de amor, sexualidade e procriação foi rompido nestas últimas décadas pelo uso de contraceptivos e da fecundação assistida. Hoje, pode-se viver a sexualidade sem procriar, pode-se procriar sem o dom próprio da intimidade sexual¹⁴. Estes elementos distanciaram-se, cada um percorrendo um itinerário próprio, com conseqüências relevantes.

A sexualidade, separada do amor entendido como dom de si e da procriação, deixou de motivar a formação de vínculos afetivos duráveis entre homem e mulher, em vista do matrimônio e da constituição de uma família. A sexualidade pode ser vivida como jogo, livre de qualquer responsabilidade recíproca, sem nenhum vínculo entre os que assim jogam, sem nenhum efeito para além do momento em que a relação se realiza como jogo.

De forma análoga, a procriação, separada do exercício da sexualidade e do amor (na fecundação assistida) aproxima-se da atividade produtiva, segundo a lógica do mercado capitalista. O filho deixa de ser um dom de Deus, fruto do amor conjugal, tornando-se um produto de tecnologia sofisticada. A Igreja entende que cada criança que vem a este mundo tem o direito de nascer de um ato de amor entre pai e mãe.

A cultura moderna deu ênfase à busca da própria realização individual, eliminando possíveis interferências.¹⁵ Parece afirmar-se sempre mais a cultura individualista que levanta a suspeita quanto à possibilidade de realizar-se uma comunhão com os outros. O outro passou a ser apontado como um lobo feroz (Hobbes) ou então o inferno (Sartre) ou, mais prosaicamente, o concorrente, ou o gladiador que afirma sua dignidade derrotando seu adversário. A imagem do vampiro ou do predador que destroem outras pessoas para viver tem um grande significado simbólico. Difunde-se uma sensibilidade que considera qualquer vínculo como uma amarra mortificante, inclusive o vínculo conjugal, parecendo desejável ficar livre de qualquer relacionamento mais profundo (cf. FC, 23).¹⁶

A exaltação da rivalidade entre os seres humanos e a hostilidade entre o homem e a mulher defendidos por grupos do feminismo radical (vetero-feminismo)

¹⁴ MELINA, L. *Corso di bioetica*. Casale Monferrato: PIEMME, 1996; SCOLA, A. *Il mistero nuziale, 1: uomo-donna*. Roma: Pul-Mursia, 1998.

¹⁵ Imaginemos uma mulher que faz diagnóstico pré-natal com a intenção de abortar, caso o feto não seja saudável. Imaginemos que tudo corra bem e que a mãe acolha seu bebê. Podemos imaginar que aquele filho, chegando aos 15 anos, fique sabendo que houve uma condição para ser acolhido, a condição de ser saudável. O cálculo da conveniência invadiu o espaço, até então sagrado, do acolhimento incondicional, como é o ventre materno, quando uma nova vida está em formação. Imaginemos agora a mãe idosa e doente (Alzheimer). Poderá ela esperar que o filho a acolha e cuide dela, agora sem saúde, já que ela não teve essa disponibilidade para com o filho? Pouco a pouco, cria-se uma mentalidade dominada pelo cálculo das conveniências, que se move no horizonte do mercado, reduzindo-se o espaço da gratuidade.

¹⁶ JOÃO PAULO II. *A Missão da Família Cristã no Mundo de Hoje. Familiaris Consortio*. São Paulo: Paulinas, 1981.

prosperaram e difundiram a mentalidade segundo a qual o relacionamento entre gêneros se reduz à disputa de poder.

Na obra de teatro de 1944 *Entre quatro paredes* de Sartre, é afirmada a tese da impossibilidade de compreensão e de comunhão entre os homens (inclusive entre homens e mulheres), delineando uma implacável aversão entre o homem e o seu semelhante. No final da peça, o personagem Garcin, condenado ao Inferno pondera: “Lembram? Enxofre, fogueiras, grelhas, (...) palhaçadas! Ninguém necessita de grelhas, o Inferno são os outros”.¹⁷

Essa mentalidade nos remete a um tempo pré-cristão, caracterizado pela barbárie, quando o homem afirmava a sua dignidade derrotando o adversário, destruindo o inimigo ou nos relembra a mentalidade utilitarista que considera o outro só pela sua utilidade, reduzindo-o a instrumento para uma própria conveniência.

Além disso, a cultura de massa especializou-se em oferecer produtos cuja principal marca é a banalidade, juntamente com certa retórica da vulgaridade. Impossível não reconhecer (na esteira de Hannah Arendt)¹⁸ uma conexão entre a cultura da banalidade e o crescimento vertiginoso da violência urbana, especialmente na última década.

No entanto, o que caracteriza a família é a cooperação entre os sexos e entre as gerações. Quanto maior essa cooperação, maior o grau de civilização e de paz de uma sociedade. E, quem segue o Evangelho, procura agir como o bom Samaritano, que cuida da pessoa que encontrou pelo caminho, machucada pelos assaltantes, curando suas feridas e levando-o a uma hospedaria, até ficar bom. Quem segue a mentalidade pagã, só quer ganhar e tirar proveito em todas as circunstâncias.

A relação conjugal vivida como dom sincero de si para o bem do outro, até o sacrifício, constitui o ambiente afetivo no qual, não somente marido e mulher encontram a plenitude do acolhimento, da compaixão recíproca, da realização no amor, mas constituem também o clima que envolve os filhos e, por osmose, os abre para a dimensão afetiva.

Muitos bens ficam perdidos ou fortemente prejudicados quando as relações familiares não estão ordenadas de acordo com uma equilibrada ecologia humana: a paternidade, a maternidade, a relação conjugal. Tudo parece flutuar numa precariedade que é anunciada como uma grande conquista, mas que, na realidade, constitui uma perda de humanidade, percebida como fonte de grande sofrimento para os adultos e mais ainda para as crianças e os adolescentes.

Procuramos exemplificar, comparando algumas características de uma relação nupcial, típica da família cristã e as de relações ocasionais

4. Uma comparação

Para facilitar a compreensão dos termos em estudo, vale a pena observar, de maneira sintética, algumas das características mais significativas da relação nupcial e da relação ocasional.

¹⁷ SARTRE J.P. *Porta chiusa*. Milano:Bompiani, 1947. p. 230.

¹⁸ ARENDT Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Projeto de vida partilhado	Não há projeto
Relações atentas à totalidade da pessoa	Relações interessadas a aspectos parciais
Dimensão pública	Um fato privado
Pertença recíproca	Autonomia
Cooperação entre os sexos	Descompromisso
Relação fecunda (gera filho)	Planeja a esterilidade
Dura no tempo	É efêmera
Abraça o drama humano	Move-se na banalidade
Vive-se o amor como dom de si	Vive-se o amor como interesse particular
Busca a satisfação	Basta-lhe o prazer
Voltado para o outro	Voltado para si
Reciprocidade afetiva	Narcisismo
Vive a gratuidade	Calcula a conveniência
Cria história	Relações não significativas

5. Considerações finais

*

A *Familiaris Consortio* desenvolve a idéia da missão evangelizadora da família. Nessa perspectiva, afirma: “A *evangelização do futuro depende em grande parte da Igreja Doméstica*” (FC 52). Nos números 55, 59 e 61 o Santo Padre fala da vida interna da família como santuário doméstico, lugar de oração e de culto. Em suma, a família cristã vive em si as mesmas características da grande Igreja, por isso pode ser considerada como uma manifestação autêntica da Igreja.

O Papa João Paulo II exprime esta visão de maneira explícita no número 17: “*A essência e as tarefas da família estão ultimamente definidos pelo amor. Por isto, a família recebe a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, reflexo vivo e real participação do amor de Deus e do amor de Cristo Senhor pela Igreja sua Esposa*” (FC 17).

E no *Ángelus* de 21 de outubro de 2001 afirma: “*Uma autêntica família, fundada no matrimônio, é em si mesma uma “boa notícia” (um Evangelho) para o mundo. Além disso, no nosso tempo, são sempre mais numerosas as famílias que colaboram ativamente à evangelização, quer na própria paróquia e diocese, quer compartilhando mesmo a missão ad gentes. Sim, caras famílias, amadureceu na Igreja a hora da família, que é também a hora da família missionária*”.

Em conclusão, pode-se afirmar que a família participa da sacramentalidade da Igreja, isto é, da sua natureza de sinal e instrumento da união íntima entre a Trindade e a humanidade em Cristo (cf LG 1). Por isso, o amor dos batizados casados não somente é abençoado por Deus. Ele é assumido no interior do amor de Cristo e da Igreja, é a sua realidade vivente, sacramental. Afirma ainda a *Familiaris Consortio*: “*Sua recíproca pertença é a representação real, por intermédio do sinal sacramental, do relacionamento de Cristo com a sua Igreja*” (FC13). Isto quer dizer que o amor conjugal “*é o sinal visível do amor mesmo de Deus*” (FC 14).

Estas são as razões que o Magistério recente nos oferece para que a família cristã seja compreendida e vivida como Igreja Doméstica e, portanto, como sujeito de evangelização. Não para diminuir os prejuízos de uma sociedade sempre mais secularizada, não porque há escassez de sacerdotes que é necessário de alguma maneira suprir. A família é sujeito de evangelização por natureza. E porque sua natureza é eclesial, torna presente Jesus Cristo na sua realidade humana, participando do seu Corpo misterioso.

A partir das considerações precedentes, pode-se concluir que uma “Pastoral Familiar intensa e vigorosa” deve aprofundar:

1. A dimensão eclesial:
 - a) Grupos de vida fraterna de famílias
 - b) Presença transversal em outras pastorais: catequese, juventude, criança
 - c) Semana da família, Semana da vida, Dia do nascituro
2. A dimensão social, para tornar mais claros os benefícios que a família cristã traz para a sociedade, em termos de educação para a cooperação, acolhimento das diferenças, fornecimento de serviços gratuitos,
 - a) Associações de Famílias, propostas de políticas públicas em favor da família
 - b) Dia municipal da família
 - c) Peregrinação das famílias a Aparecida
3. Dimensão formativa, para proporcionar a assimilação da nova visão de família de acordo com o magistério da Igreja e necessária para enfrentar os desafios atuais.
 - a) Cursos INAPAF
 - b) Escolas de Família
 - c) Seminários, Congressos,
 - d) Subsídios